





# POPÓ

# COM AS PRÓPRIAS MÃOS

WAGNER SARMENTO



© Acelino Freitas  
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Diagramação <i>Flavio Peralta – Estúdio O.L.M.</i>
Diretora comercial <i>Patty Pachas</i>	Capa <i>Daniel Argento</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Foto de capa <i>Holger Keifel</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>	Preparação <i>Beatriz de Freitas Moreira</i>
Assistentes editoriais <i>Lucas Santiago Vilela</i> <i>Mayara dos Santos Freitas</i>	Revisão <i>Juliana de Araujo Rodrigues</i> <i>Telma Baeza G. Dias</i>
Assistentes de arte <i>Carolina Ferreira</i> <i>Daniel Argento</i>	Impressão <i>Cromosete</i>

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sarmento, Wagner  
Com as próprias mãos / Wagner Sarmento. – 1. ed. – São Paulo:  
Panda Books, 2013. 200 pp.

ISBN 978-85-7888-325-6

1. Freitas, Acelino Popó. 2. Boxeadores - Brasil - Biografia. 3. Luta  
(Esporte). I. Título.

13-2189

CDD: 927.9683  
CDU: 929:796.83

2013

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

A Deus, senhor do mundo e do meu destino.

A meus pais, Zuleica e Babinha (*in memoriam*),  
a quem sempre procurei honrar e a quem  
devo tudo o que tenho e o que sou.

A meus seis filhos – Rafael, Igor, Iago,  
Juan Popó, Gustavo e Popozinho.

A meus cinco irmãos, em especial  
a Luís Cláudio, meu ídolo e incentivador.

A todos os amigos que fizeram parte desta trajetória.

Àqueles que permitiram  
que minha luta, dentro e fora dos ringues,  
seja contada e sobreviva ao tempo.

Ao povo brasileiro, que sempre estive comigo,  
nas vitórias e nas derrotas, e a quem sempre  
busquei representar da melhor forma.

A Wagner Sarmiento, por contar  
com maestria a minha história.

A Sóstenes Marchezine, que apostou  
no devaneio do livro e o fez acontecer.

Ao boxe, que me fez sonhar e realizar,  
viver e aprender, chorar e sorrir.

ACELINO FREITAS



A Deus, pela luz de todos os dias.

A minha mãe, Conceição,  
pelo amor de todas as horas.

À Débora, pelo sonho dividido  
e a vida compartilhada.

A Popó, pela confiança ao depositar  
em minhas mãos a sua história, uma  
saga tão brasileira e tão singular.

A Sóstenes, pela parceria incansável  
e a atenção inestimável.

Aos familiares e amigos que  
trilharam junto comigo esta estrada.

WAGNER SARMENTO



# SUMÁRIO

PREFÁCIO . . . . .	11
INTRODUÇÃO . . . . .	15
Round 1 – Uma família de lutadores . . . . .	19
Round 2 – Os primeiros rounds no esporte . . . . .	33
Round 3 – O amador se tornou profissional . . . . .	47
Round 4 – O mundo cabe em um cinturão . . . . .	65
Round 5 – Um laço e um rompimento . . . . .	89
Round 6 – Um novo time . . . . .	99
Round 7 – A glória da unificação . . . . .	103
Round 8 – O adeus a Babinha . . . . .	115
Round 9 – A primeira derrota . . . . .	129
Round 10 – O tetra e o fim . . . . .	139
Round 11 – Sai Popó, entra Acelino . . . . .	151
Round 12 – A redenção . . . . .	157



# PREFÁCIO

Eu me sinto extremamente honrado com o convite de Popó para escrever este prefácio. O livro que vocês têm em mãos conta em detalhes a saga de um dos grandes campeões que o Brasil já produziu. Uma história bem brasileira, feita de golpes certos, tanto nas agruras de uma vida de pobreza como nos adversários do boxe internacional.

Admiro o esportista Acelino Freitas desde a luta contra Anatoly Alexandrov, um grandalhão do Cazaquistão, derrubado duas vezes no primeiro round e que Popó pôs para dormir com uma poderosa direita, que o então campeão até hoje não descobriu de onde veio. Aquela luta valeu o primeiro dos quatro títulos mundiais do nosso bom baiano. Popó desceu daquele ringue internacionalmente consagrado. Desde então, costumo dizer que primeiro fui admirador do pugilista e, mais tarde, do ser humano.

Quando o conheci pessoalmente, aquele menino pobre da Baixa de Quintas, na periferia de Salvador, já assombrava o mundo, e aqui no Brasil ocupava um lugar que, pelo menos para mim, estava vago havia mais de quarenta anos – o de sucessor de Éder Jofre. Educado, simpático e de fala mansa, Popó sempre me impressionou por sua humildade e pela maneira respeitosa com que trata as pessoas à sua volta. Para ser campeão, Popó derrotou a miséria, a mais terrível das doenças sociais, uma realidade que este livro retrata de maneira fiel e sem retoques.

Éder Jofre era fruto da classe média paulistana, vinha de uma família de pugilistas. Seu técnico era o próprio pai, Aristides Kid Jofre. Seus tios – irmãos da mãe de Éder – representavam uma das grandes dinastias do pugilismo do Brasil e da Argentina.

Com Acelino a história é outra. O filho de Zuleica e Niujalma – conhecido nas rodas da boemia baiana pelo apelido de Babinha – se formou sozinho, à custa de sua própria força de vontade. Ele procurou o boxe, esporte em que via uma possibilidade de redenção. Como bem lembra este livro, o menino Popó tanto insistiu que seu irmão Luís Cláudio – que treinava com Luiz Dórea, na época começando uma brilhante carreira de técnico – “pendurou um saco de areia em uma trave erguida em um terreno ao lado do casebre onde morava (a família Freitas) e mandou Popó socar. As luvas eram feitas de espuma de colchão amarradas com cadarço”. Foi com esses primeiros golpes que Popó começou a derrotar a desesperança para se transformar em campeão e inspiração para uma legião de jovens lutadores baianos.

Peço licença para narrar dois episódios da minha relação com Popó – um profissional e outro pessoal – que me encham de orgulho.

Em janeiro de 2004, convidei Popó e Éder para participarem juntos do programa *Bem, amigos*, que apresento semanalmente no SporTV. Isso aconteceu em uma época em que os dois andaram se estranhando sem saber exatamente a razão, e eu vi que ali se apresentava uma rara ocasião de deixar lado a lado – ou frente a frente, para usar uma imagem do pugilismo – nossos dois maiores campeões de boxe. Não deu outra. Foi um programa alegre e emocionante, e eu me sinto um pouco “padrinho” do respeito que existe hoje entre os dois.

O outro episódio aconteceu em abril de 2010, quando recebi o título de Cidadão Soteropolitano em uma cerimônia na Câmara Municipal de Salvador. Imaginem a minha emoção e o meu orgulho de estar ali com a minha família, em meio a tantas homenagens e cercado de grandes amigos baianos, ao som dos tambores do Olo-dum. Pois, naquele plenário repleto, quem eu vejo sentado ao meu

lado na cerimônia? Ninguém menos que o tetracampeão mundial de boxe Acelino Popó Freitas.

Esse é Popó, amigo dos amigos, dono de um caráter exemplar, um menino pobre que, quando se viu cercado de oportunidades, resolveu estudar direito para poder ajudar aqueles que não têm outra chance na vida a não ser a solidariedade dos que podem. Popó não se cansa de mostrar que pode e faz. Obrigado, campeão!

GALVÃO BUENO



# INTRODUÇÃO

A primeira lição é: por um filho, o pai faz qualquer sacrifício sorrindo. Promete, jura, afiança, assevera. Sua, corre, luta, se entrega. Faz de tudo para mostrar que é mesmo o super-herói em que todo rebento acredita. Popó abraçou Popozinho depois da luta e, aclamado por uma torcida barulhenta, disse baixinho: “Papai ama você”. Fez-se ouvir. Pronto, dever cumprido. Estava realizado, como boxeador e como pai. Ensinava, no ringue, valores da vida. Correu todos os riscos, mas lutou. O choro de pai e de filho era um só.

A segunda lição é: não mexa com quem está quieto. Michael Oliveira cavou a própria cova. Provocou, zombou, subestimou. Falou que ia fazer e acontecer. Tem 22 anos, está no auge da forma e nunca havia conhecido o sabor de uma derrota. Talentoso, invicto, título latino em mãos, achou que o pouco caminho percorrido e a pouca sola de sapato gasta eram suficientes para arrotar arrogância contra o maior boxeador brasileiro ao lado de Éder Jofre. Guiou-se pela típica afoiteza adolescente. Chamou Popó para a briga como o menino que, corajoso, toca a campainha do vizinho e sai correndo ou picha com giz de cera o muro do colégio. Um campeão se faz com humildade. Assim mesmo: mais clichê impossível, também mais verdade impossível. Michael devia ter apanhado de cinturão para aprender. Popó tem logo quatro.

A terceira lição é: nunca duvide de um campeão. Aposentado, meia década sem lutar, 36 anos de idade. Em longa abstinência do boxe, Popó respirava outros ares, estava acima do peso, nem de longe lembrava o boxeador de outrora quando foi desafiado. O Brasil inteiro vaticinou um vexame homérico. Qualquer comentário que não fosse passional dava como certa a vitória de Michael

Oliveira. Chamaram Popó de velho, gordo, acabado, ultrapassado. Cometeram o erro fatal de registrar um tetracampeão mundial de boxe como azarão e dá-lo como morto. Jogaram a história no lixo e ignoraram o significado da palavra “superação”. Popó não adentrou o ringue apenas para vencer. As vitórias nem sempre dizem tudo. Ele entrou para ensinar, para provar que, mesmo sem precisar provar mais nada, restava um último ato de enredo imprevisível antes de fechar as cortinas.

A quarta lição é: quem sabe não desaprende. Popó parece ter passado cinco anos congelado. Voltou tinindo, jogando no ralo o vácuo do tempo sem treinar. Propalavam que ele não aguentaria mais de três rounds. Só de pirraça, o baiano esperou até o nono para nocautear. Sobrou em todos os outros. Bailou no ringue, buscou mais a luta, castigou o adversário. Quando Michael tentava algo, esbarrava em uma esquiwa afiada. Parecia que o desafiante atacava em câmera lenta. Um menino em *slow motion* contra um coroa na velocidade cinco da dança do créu. E créu.

A quinta lição é: foi a aula de boxe mais cara de que se tem notícia. Custou 500 mil reais, sem contar os remédios para curar a ressaca.

Esta história começa pelo fim. O último capítulo da carreira do ex-pugilista Acelino Popó Freitas é o resumo implacável da sua trajetória. Envolveu luta, fé, descrença, sofrimento, humilhação, desconfiança, entrega, suor, batalha e redenção. Na vida foi sempre assim. O combate contra o paulista Michael Oliveira desnudou o baiano em sua essência. O mundo duvidou, Popó provou. Ação e reação. No boxe foi sempre assim.

Tive convicção da grandeza de Popó desde bem antes de mergulhar na sua história, um mar que reveza tempestade e calmaria, uma

luta que vem do berço. Antes de biógrafo, fui fã. Era, até o encontro improvável, apenas um brasileiro a mais que chorou com seu retorno épico contra Michael. Inquieto, transformei a emoção em crônica. O desengasgo das palavras, aqui transcrito, foi postado em uma rede social de maneira despreziosa em 3 de junho de 2012, um dia após a fênix saltar da mitologia para o tablado, das cinzas para o nocaute, da descrença unânime para os braços do povo.

Uma lida aqui, um compartilhamento acolá, a publicação no site especializado em lutas MMA Magazine, e a internet engoliu barreiras com o mesmo ímpeto de um nocaute de Acelino Freitas. Na semana seguinte, a vida bateu à porta. Popó não só gostara do texto, como gravara um vídeo de agradecimento. Um gesto simples e ao mesmo tempo imenso. Ali, naqueles 18 segundos postados em um site de carregamento de vídeos, Acelino emparedou predicados – humildade e gratidão eram os mais gritantes. Na verdade, nada mais que o espelho de toda a sua trajetória.

Conheci o homem muito depois do esportista. Admirava o boxeador de mãos fatais desde anos antes, pelos combates televisivados, pela saga vitoriosa na luta pela sobrevivência e pelo estrelato que esmurrou a falta de apoio, mas passava a respeitar também o ser humano que se esconde por trás das luvas, o homem que o Brasil poderá conhecer a fundo nesta biografia.

O tempo voou. Meses depois, Popó tocava a sua vida como parlamentar, e eu, a minha, como jornalista. Caminhos distantes, independentes, desconhecidos. Como disse o poeta francês Victor Hugo, “nada é mais iminente que o impossível”. Acelino Freitas, tetracampeão mundial de boxe, me procurou para que eu escrevesse a sua biografia. Costurou essa certeza com a intuição que sempre o guiou nos ringues, sentiu que era a hora certa para fazer uso da sua direita letal. Esse é Popó, o coração como motor, a alma sem prisões, o instinto infalível.

Aceitei o convite para contar em detalhe, e com muita emoção, uma história tipicamente brasileira. A saga de um pugilista que, com as próprias mãos, nocauteou a fome, a miséria, os desarranjos familiares e uma penca de outros oponentes, dentro e fora dos ringues. Um nordestino que saiu de um barraco com menos de dez metros quadrados para ocupar o topo do mundo no esporte que escolheu e para ser reverenciado por uma nação.

Round 1

---

UMA FAMÍLIA DE  
**LUTADORES**

A história de Acelino Freitas começa muito antes do seu nascimento. O ponto de partida dessa saga é o longínquo ano de 1957. Foi naquele Dia de São João, no bairro pobre da Baixa de Quintas, em Salvador, na Bahia, que Zuleica Freitas, então com 13 anos, conheceu o primeiro e único homem de sua vida, Niujalma Ferreira Jones, o popular Babinha – casado, fogoso e oito anos mais velho que ela. Estava com amigos em uma festa, tomando licor escondida – prática corriqueira e sua maior transgressão –, quando se deparou com o moreno de cabelos lisos. Ela piscou o olho, ele consentiu. Sem dizer nada, disseram tudo. Babinha, sempre afeito a exageros alcoólicos, acabou dormindo no sofá no meio da noite, após beber mais do que podia. O primeiro beijo, no rosto, aconteceu ali: ele desmaiado, ela apaixonada.

Dias depois, ambos combinaram de se encontrar em um circo. Zuleica avistou o paquera, mas disfarçou. Queria ser vista. Foi então para a fila da pipoca, bem na frente do poleiro que ele fazia de arquibancada. Não tinha dinheiro, só queria chamar a atenção. Conseguiu. Ela não se lembra do espetáculo, mas tem vívida até hoje a recordação da volta para casa, quando foi pedida em namoro. O amor ignorou as circunstâncias e subverteu os conceitos de certo e de errado. Ela disse sim a um homem que tinha mulher e dois filhos.

Todos à volta aconselhavam a adolescente a desistir de uma relação que parecia sem futuro, já que Babinha tinha fama de